

LUTERO E O RENASCIMENTO EUROPEU

Werner Leber

Entre as várias facetas que o Renascimento açambarca, como o Humanismo, as descobertas da física e da astronomia, a consagração da estética laica, encontra-se também o surgimento do protestantismo, cujo representante mais lembrado é Martinho Lutero. Até que ponto Lutero é um moderno? O modernismo europeu é a passagem do Medieval à Era Moderna, que, via de regra, tem seu início no que denominamos Renascimento, cujo período estende de meados do século XV a meados do XVII. Há um rompimento com uma mentalidade e o nascimento de uma outra maneira de pensar, diz-se. Será? Veremos. Constata-se que a principal característica da modernidade, tendo como pressuposto que é o Renascimento que a inaugura, passa a ser o rompimento com o legado religioso longamente arraigado na tradição de pensamento dos europeus. Em linhas gerais isso significa rompimento com a base teológica da principal Instituição Religiosa Ocidental, a Igreja Católica Apostólica Romana, o que pressupõe incluir também com a Igreja Católica Ortodoxa, cujo rompimento com Roma data de 1054. A forma como a teologia se arquitetou entre a filosofia aristotélica e toda argumentação teológica nessa Instituição, e que incumbiu os magistrados da Igreja a se portarem como representantes do Logos Encarnado (a Revelação), é a crítica do pensamento moderno bem como também a crítica de Lutero. Já de antemão diremos que Lutero situa-se na modernidade à medida que se põe contra a hierarquia tradicional do cristianismo, mas mantém medieval, à medida que mantém a religião, e não a ciência, como centro de interesse da humanidade. A intelectualidade e a erudição não era o forte de Lutero. Lutero era mais um pastor do que um teólogo especulativo. Não seria justo compará-lo a Caetano, Santo Tomás ou João Calvino. Mas mesmo assim ele percebeu que cristianismo, teologia e igreja são coisas bem distintas. Sobre isso se assentará a sua crítica. O Renascimento é um movimento de mudanças na forma de pensar, proporcionado pela eclosão de descobertas científicas e tecnológicas, que balaçam com a velha ordem onde, digamos assim, os sacerdotes, eram os atores principais (ARANHA e MARTINS, 2005). Dizendo de outro modo, o Renascimento, entre outras coisas, modifica a perspectiva de intermediação entre crente e Deus, que o cristianismo medieval consagrou como tarefa exclusiva da Magistratura Eclesiástica (TILLICH, 2004).¹ Bem, sejamos sinceros, o Renascimento é, grosso modo, um movimento intelectual contra “Deus” e contra toda teologia. Isso Lutero sabia bem. Queria manter a religião cristã e sua respectiva fé como relevante. No entanto, não queria mais o modelo hierarquizado em as questões religiosas, cristãs e teológicas se desenrolavam. Toda aquela questão luterana “Sola Fide Sola Gratia” (Somente a fé e a Graça) é uma revolta contra o monopólio religioso e a mistura perigosa entre Igreja e Governo que se estendia desde Carlos Magno (800 d.C) até o século XV.

Todavia, Lutero não é moderno e um sentido: no sentido religioso. Ao contrário, se a modernidade é uma ruptura com a tradição religiosa, então Lutero, em parte, está na contramão. Se a modernidade é a libertação da filosofia do jugo servil em que ela esteve

¹ Especialmente as páginas 227-240.

por séculos, em Lutero isso não se confirma. Para ele a filosofia é, antes, uma “prostituta”, uma perversora do verdadeiro sentido da revelação cristã. Se a modernidade renascentista marca a autonomia filosófica e a autonomia das ciências, em Lutero há um retorno à velha Patrística Agostiniana. Lutero está de acordo com Tertuliano, para quem a revelação e a fé não poderiam ser objeto de um discurso filosófico. E, certamente, também das certezas matemáticas de Kepler. E se o forem, serão apenas especulações vazias, destituídas de propriedade no que diz respeito à revelação, à salvação. Se a modernidade marca a supremacia do pensar autônomo, na visão protestante de Lutero isso não ocorre. A salvação e a fé, tema central no Medievo, torna-se secundário na Renascença. Mas não para Lutero. A salvação continua a ser o objeto principal de toda a sua reflexão teológica. Ele não é um humanista como Erasmo, por exemplo. Daí que houve desentendimentos entre os dois sobre esse ponto. Lutero pode até ser economicamente renascentista ou moderno, porém permanece religiosamente medieval em um sentido: a supremacia de Deus e o rompimento que separa criatura de criador. Alguém poderia então perguntar: como ele permanece medieval se ele rejeitou todo aristotelismo daquela teologia? Eis um ponto interessante! Mesmo que Lutero e a Renascença coincidam em um ponto, qual seja, opor-se à filosofia aristotélica, isso acontece em um e outro por razões bem diversas. A Renascença se colocará contra Aristóteles por conta da hierarquia entre sagrado e profano que escolástica impôs à filosofia e à liberdade, digamos assim, por conta do cerceamento secular do pensamento. Mas Lutero se colocará contra Aristóteles porque a natureza (leia-se a razão humana em sentido lato) e a lógica não podem conhecer Deus. Lutero mantém a regra da superioridade do sagrado, mas não concorda com a teologia engendradora para tal. A cosmologia dedutiva aristotélica, tão lindamente arquitetada por Tomás de Aquino, é vista por Lutero como equivocada, como palavra e retóricas humanas, enfim, uma exibição filosófica da soberba humana, mas nada, absolutamente nada da Revelação do Deus cristão. A razão humana é, conforme ele, natureza somente. E natureza é sabedoria humana apenas, que Paulo, uma referência para Lutero, assim expressou: *“E não tornou Deus louca toda a sabedoria deste mundo? Onde está o sábio deste século?”*² A natureza é impotente; ela só conhece erros e pecados. Sobre isso, o comentador traz a seguinte e importante contribuição: *“A lei natural, como uma base para a moral e a política, fica, com isso, seriamente enfraquecida, pois a ordem moral estabelecida por Deus só ser conhecida por meio da revelação”* (ALLEN e SPRINGSTED, 2010, p. 185). Se na Renascença, a religião torna-se plano segundo, e a liberdade racional torna-se plano primeiro, a teologia que Lutero está a estatuir não uma saudação do novo, mas um lamento sobre o destronamento da fé e da luta salvífica. É aqui que Lutero permaneceu “católico”. Em meu modo de ver as coisas, há uma duplicidade no protestantismo: ele é novo sob o aspecto individual (a fé), mas é velho sob o aspecto da funcionalidade da razão. Como exemplo, podemos citar a Tese 21,

² 1ª Carta aos Coríntios, capítulo I, verso 20.

escrita em 1517, e que vai assim: “*Nada há na natureza senão atos de concupiscência contra Deus*” (LUTERO, 2004, p, 16).³

Todavia, como sabemos, o que caracterizará o pensamento moderno é justamente o natural em oposição ao sobrenatural, místico, religioso e mítico. E aqui, assim parece, a visão do protestantismo, se pode ser classificado como renascentista, o é de modo bem especial. Pois lhe falta aquela visão tradicional, já clássica hoje, segundo a qual o moderno é uma revolta contra teologia e uma saudação da natureza humana. Não há nenhuma saudação da natureza humana no protestantismo e menos ainda, uma visão positiva e consagradora da racionalidade. O protestantismo insere-se no rol da modernidade apenas sob o aspecto da individualidade. Se eu estiver certo, apenas a individualidade, isto é, a salvação é uma luta individual de arrependimento e penitência sobre a natureza má e carregada de pecado. Ninguém poderá fazer nada por ti, nem padre, nem pastor e nem Igreja alguma, a não ser o despertar individual da fé. A Igreja é apenas local de oração, longe daquele manto sagrado de outrora. Nesse aspecto, Lutero e seis sucessores, como Calvino, por exemplo, revelam pessimismo com a renascença. Mesmo que economicamente sejam modernos, como Max Weber depois acentuaria afirmando que capitalismo renascentista é justamente a visão econômica que o protestante estatui. Seria um novo tipo de capitalismo visto por Weber como uma ordem econômica de acumulação do burguês, que, por sua vez, vê no resultado do seu trabalho o resultado das bênçãos de Deus, e no trabalho árduo e duro, uma forma de honrar o suor do rosto. Não tendo mais uma Igreja que lhe represente, é como se “Deus” agora fosse encontrado nas riquezas, no produto final do trabalho. Aqui, pessoalmente, não vejo como justificar a sempre elogiada e decantada tese de Weber. Se isso vale para Calvinistas, creio que vale talvez (um talvez bem longo) para Lutero. Ah, deixemos...Weber analisou os calvinistas. Seja como for, o protestantismo surge com um caráter paradoxal: ele tem elementos modernos e também volta-se sistematicamente contra o tipo de racionalidade que a modernidade torna padrão a partir das investidas renascentistas (BRUNNER, 2004).⁴

REFERÊNCIAS

ALLEN, Diógenes; SPRINGSTED, Eric. **Filosofia para entender a teologia**. Tradução de Daniel da Costa. São Paulo: Paulus; Santo André, SP: Academia Cristã, 2010.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de filosofia**. São Paulo: Editora Moderna, 2005.

BRUNNER, Emil. **Teologia da crise**. 2ª edição. São Paulo: Novo Século, 2004.

³ Essas teses foram redigidas entre 21/08 a 04/09/1517 e são conhecidas entre 97 a 100 delas. É incerto o quantas eram originalmente. Não confundir com o escrito famoso - as 95 teses - escritas em 31/10/1517 e que se chamou: “Debate para o esclarecimento do valor das indulgências”, conforme, Lutero (2004, p. 21).

⁴ Ver páginas 35 e 36 onde o comentador critica o “monismo” e acrítico da razão moderna. Foi o que Lutero criticou também já em 1517 e 1518, mas não com os argumentos refinados de Emil Brunner. A modernidade substituiu a razão teológica pela razão técnica e operacional. Trocou a perspectiva religiosa pela concepção unilateral de um tipo antropocêntrico de razão.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**: os primórdios – escritos de 1517 a 1519. Volume 1. Tradução de Anne Marie Höhn et al. 2ª edição. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal; Porto Alegre: Editora Concórdia; Canoas, RS: Editora da Ulbra, 2004.

TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. 3ª edição. Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo: ASTE, 2004.